

A Cidade em Festa: Vida Cotidiana e Práticas Socioespaciais em Caicó (RN) nas Décadas de 1950 e 60

Marcos Antônio Alves de Araújo¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas socioespaciais tecidas na vida cotidiana da cidade de Caicó, incrustadas nas terras semi-áridas do sertão do Seridó potiguar, durante as décadas de 50 e 60 do século XX. A escolha desse recorte temporal para o desenvolvimento do trabalho decorreu do fato de que, durante essas décadas, a cidade de Caicó passava por um processo de intensificação das transformações urbanas ocorridas em seus espaços, ressoando, desse modo, na dinâmica da vida cotidiana da urbe. Para a realização de tal empreitada, utilizamos como fontes principais de investigação empírica, os livros de crônicas “Rastos Caicoenses”, publicados nas décadas de 1980 e 1990 pela editora “Coleção Mossoroense”; e as memórias encontradas no acervo documental do Jornal *A Fôlha*, periódico produzido por representantes eclesiásticos, que circulou no espaço urbano caicoense durante os anos de 1954 a 1968. Desta maneira, após análises dos discursos memorialistas presentes nessas fontes documentais, atinamos que a cidade de Caicó, no transcorrer das décadas de 1950 e 1960, contava com determinados lugares de lazer e entretenimento usados pela população local através de suas múltiplas práticas socioespaciais. Assim, lugares como: mercado público, feira livre, cinemas, bares, cabarés, praças públicas, igrejas, sambas - espécies de festas de características mais populares, clubes dançantes, entre tantos outros, evidenciavam-se em pontos de convergência e aglutinação de pessoas, bem como, em espaços destinados à trama de laços de sociabilidades tecidas na vida cotidiana da cidade. Nesse mesmo sentido, manifestações sociais como aquelas correspondentes as festividades carnavalescas e as festas de Sant’Ana e do Rosário, realizadas anualmente em Caicó, constituíam-se como eventos perpassados por práticas socioespaciais das mais distintas possíveis, nas quais, os habitantes da urbe e de outros lugares adjacentes se encontravam, se divertiam e se socializavam, estabelecendo seus laços de amizade, de entretenimento e de lazer.

Palavras-chave: Festa; Sociabilidades; Cotidiano.

¹ Professor do IFRN. Contato: marcos.araujo@ifrn.edu.br

A Town in Time of Party: Everyday Life and Spatial Practices in Caicó (RN) (1950/1960)

Abstract

The purpose of this work is to analyze the social and spatial practices interlaced with the everyday life of the Municipality of Caicó, which is placed within the semi-arid sertão do Seridó Potiguar, during the fifties and sixties of the 20th Century. The choice of this time lapse for the development of the research derives from the fact that, during these Decades, Caicó Town was undergoing an increase of the transformation process of its urban space what consequently influenced the dynamic of the quotidian town life. For carrying out such work, as the main source for the empirical investigation, we make use of the chronicles so-called “Rastos Caicoense”, published in the 1980s and the 1990s by the publishing house “Coleção Mossoroense”; as well as the memoirs from a documentary collection of the journal entitled *A Fôlha*, a periodical printed by ecclesiastical representatives, which circulated in the urban space of Caicó during the years 1954 to 1968. Thus, after the analysis of the memoirs from these documentary sources, we found out that, with the passing of the 1950s and the 1960s, Caicó Town had certain places for leisure and entertainment use by local people through their various social and spatial practices. Thus, places as: public market, street market, cinemas, bars, cabarets, squares, churches, sambas – kinds of popular parties, dance clubs, among others, were points of convergence and gathering of people, as well as spaces addressed to plot ties of sociability interlaced with the town everyday life. In the same sense, social events like those corresponding to carnival frolics, Feast of Sant’Ana, and Feast of Our Lady of Rosario, carried out in Caicó annually, were full of social and spatial practices as different as possible. These were spaces where townsmen and people from the neighborhood met themselves to have fun and socialize, in order to establish ties of friendship, entertainment, and leisure.

Keywords: Party; Sociability; Everyday life.

Introdução

A cidade, que se constitui num dos lugares possíveis em que a vida humana se estabelece através de variadas formas e de diversificadas maneiras, dimensiona-se como

um fenômeno humano materializado, objetivado e subjetivado, no qual a reprodução da existência humana, ocorrida em seus meandros por meio de uma complexa e contraditória divisão social do trabalho, é sempre inerente e simultânea a própria produção, desigual e paradoxal, do seu espaço, resultado das relações sociais historicamente determinadas.

Nesse sentido, no processo de reprodução de sua vida e, conseqüentemente, de sua existência, o ser humano produz e reproduz, concomitantemente, o seu espaço, emanando, nesse processo histórico e social, práticas culturais e atividades sociais essenciais para a sua existência e capazes de levá-lo a suportar os duros e cruéis golpes de uma realidade humana dinâmica, efêmera e, por vezes, insuportável.

Ao produzir suas condições de vida, o ser humano reproduz, paralelo a tessitura do seu espaço, modos de pensar, de fazer, de sentir, enfim, de praticar a cidade. É a partir dessa reprodução do espaço que ele reproduz seu cotidiano, num processo realizado não apenas através do trabalho, mas também do lazer e de outras formas de relacionamento humano, os *modus vivendis* e os *scripts* cotidianos que se desenvolvem, dando conteúdo à vida social.

Partindo-se dessas considerações iniciais, tem-se como objetivo deste trabalho, desenvolver uma narrativa acerca das práticas socioespaciais tecidas no cotidiano da cidade de Caicó/RN, durante as décadas de 50 e 60 do século XX. A escolha desse recorte temporal decorreu-se do fato de que, durante essas décadas, a cidade de Caicó, incrustada nas terras semi-áridas do sertão do Seridó potiguar, passava por um processo de intensificação das transformações ocorridas em seu espaço urbano, ressoando na dinâmica cotidiana da urbe. Para a realização de tal empreitada, utilizamos como principais fontes de investigação empírica, os livros de crônicas, intitulados de “Rastos Caicoenses” (volumes I, II e III), escritos por sujeitos naturais de Caicó e publicados nas décadas de 1980 e 1990 pela editora “Coleção Mossoroense”; assim como as memórias encontradas no acervo documental do Jornal *A Fôlha*, periódico criado e tipografado por representantes eclesiásticos e que circulou em Caicó no decorrer dos anos de 1954 a 1968. Essas fontes históricas, atreladas a outros tipos de acervos, foram primordiais para perceber fragmentos das coisas fantásticas de um cotidiano vivenciado por sujeitos de outrora, numa cidade marcada pelos “espíritos” da modernização urbana.

Desta maneira, com intento de entender essas “coisas fantásticas do cotidiano” (CERTEAU e GIARD, 1998) da urbe, florescidas através das práticas tecidas nos variados territórios da cidade, daremos destaque e ênfase às tessituras cotidianas tramadas em

alguns eventos sociais, atinados pelos seus habitantes como autênticos momentos de festas realizados na malha urbana caicoense, tais como: nas seções dos cinemas, nos frevos do carnaval, nos clubes dançantes, nas festas de Sant'Ana e do Rosário, entre outros.

A festa da/na cidade

Para Heller (1989, p. 17), o cotidiano é a “vida de todo o homem. Todos o vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”. Diante dessa afirmação, pode-se inferir que o cotidiano tramado no decorrer dos anos correspondentes as décadas de 1950 e 1960, por vários sujeitos praticantes da cidade de Caicó, realizava-se a partir das sociabilidades tecidas por eles nos diversos lugares destinados ao lazer, ao entretenimento e a diversão dos habitantes. Entre esses lugares, os clubes dançantes eram responsáveis pela organização dos bailes e das festas realizadas em suas dependências, alegrando a vida noturna e social da cidade. Nesses bailes tudo “era singelo. Dançava-se pelo prazer de dançar. Os bailes começavam bem cedo, às 21 horas, e terminavam mais ou menos às 02 horas da madrugada. Nesse tempo, a aristocracia dominava. As moças vestiam bem e com recato” (DINIZ, 1982, p. 53).

Essas moças, por sua vez, sentadas em torno do salão, esperavam “seus pares de dança. Tudo combinava bem. O salão estava sempre com iluminação farta. Os rapazes primavam por uma cortesia espontânea. Era a época em que todos sentiam a necessidade de serem educados” (DINIZ, 1982, p. 53). No cotidiano da cidade, os bailes mais importantes que aconteciam em seus espaços, eram aqueles realizados principalmente, no Salão Nobre da Prefeitura, onde para frequentar as dependências desse ambiente em período de festa, era exigida da organização do evento, uma boa procedência familiar, não bastando apenas para o interessado ser detentor de uma condição financeira estável e significativa, mas, sobretudo, ter um *status* de família de estirpe nobre.

Para aqueles sujeitos que não conseguiam ter acesso aos bailes nobres realizados nesse salão, lhes eram oferecidos outros espaços possíveis de sociabilidades, destinados ao desenvolvimento de tessituras sociais diversas, como por exemplo: os bares e os cabarés (para os mais destemidos), as missas (para os mais recatados), os passeios nas praças públicas (para os mais transeuntes) e os cinemas (para os mais admiradores das imagens em movimento). Esses últimos, procurados frequentemente pela população para

a contemplação da exibição dos espetáculos cinematográficos e para a tessitura de tramas sociais, antes, durante e depois das sessões, constituindo-se, sob a égide do processo de modernização urbana, em importantíssimos espaços de sociabilidades para os praticantes da cidade, bem como, para a própria dinâmica cotidiana da urbe.

Em seu surgimento, o cinema, numa escala geográfica mais ampla, personificou-se como um dos elementos que mais representou, convergiu e refletiu a modernidade urbana vivenciada, sobretudo, em algumas cidades brasileiras. Assim, mais que algumas das inovações tecnológicas que explicaram a história da modernidade como uma expressão de “mudanças na chamada experiência subjetiva ou como uma fórmula abreviada para amplas transformações sociais, econômicas e culturais” (CHARNEY e SCHWARTZ, 2004, p. 17), o cinema, tal como se desenvolveu no alvorecer do crepúsculo do século XX, consolidou-se numa expressão autêntica e numa combinação completa dos atributos de uma modernidade urbana.

Acerca dos cinemas em Caicó, estes se evidenciavam como uma das opções a disposição da população para o entretenimento, para o estreitamento dos laços sociais e para o contato com as representações cinematográficas produzidas em outras paragens. Durante as décadas de 50 e 60, a cidade de Caicó contava com ambientes modernos e amplos para a exibição das películas. No decorrer dos anos da década de 1960, a cidade de Caicó obteve em seu espaço urbano a instalação dos seguintes cinemas: o Pax, o Alvorada, o São Francisco e o Rio Branco (estes três últimos fundados, respectivamente, nos anos de 1960, 1964 e 1966).

No cotidiano da cidade, esses cinemas exerciam, a partir da exibição de películas distribuídas em horários diurnos, a função de centros de atração e aglomeração de pessoas em seus respectivos espaços. Estes proporcionavam aos seus espectadores, desde os menos aficionados pelas películas a aqueles mais apaixonados, a fatura da magia das salas escuras, descortinando o movimento fantástico e contagiante das imagens em movimento, apreciadas pelas moças e rapazes que se apaixonavam pela estética corpórea e pelos rostos belos dos atores e atrizes.

Além dos cinemas, as praças públicas se constituíam em espaços singulares da tessitura de manifestações humanas diversificadas, desde as festas mais populares da urbe a aquelas práticas de namoros tecidas por moças e rapazes da cidade. Ademais, nas praças públicas outras práticas socioespaciais eram tecidas pelos habitantes em seus meandros, como por exemplo: as missas campais, os discursos de políticos, as festas religiosas, as apresentações artísticas, as conversas, os passa-tempos, enfim, uma

variedade de relações sociais tramadas nessa ambiência.

Nas cidades interioranas do Nordeste brasileiro era, e ainda é, comum a existência de uma praça principal, incrustada geralmente na parte frontispícia dos templos católicos, responsável pela aglutinação de pessoas em seu universo, especificamente, durante a noite, bem como, pela absorção e concentração dos mais importantes eventos sociais e coletivos ocorridos nos espaços urbanos, “da bebida ao chamego, do comício ao circo e da missa ao carrossel” (SANTOS, 1982, p. 71).

Em Caicó, as praças públicas da cidade se constituíam em pontos de convergência dos habitantes e dos visitantes, nas quais, estes sujeitos, motivados por “interesses puros ou impuros [...] [tinham acesso aos seus espaços, utilizando-os] para o bem, para o mal e até para coisa nenhuma” (SANTOS, 1982, p. 72). Assim, durante as décadas de 50 e 60 do século passado, as praças da urbe caicoense, como também as de outros recortes citadinos, eram consideradas bastante ecléticas, diversificadas e volúveis.

Nos tempos de modernização urbana vivenciados na cidade, as praças públicas mais famosas, mais visibilizadas e mais frequentadas pelos habitantes, eram as seguintes: praça Monsenhor Walfredo Gurgel, cenário principal da Festa de Sant’Ana; a praça do Rosário, considerada palco das comemorações da Festa do Rosário, no qual, reis, rainhas e demais integrantes do Grupo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos se apresentavam durante a realização desse evento sociorreligioso; e a praça José Augusto, caracterizada na época, por ser um amplo espaço além de contar com um parque infantil destinado aos momentos de lazer pueris e às práticas lúdicas tecidas pelas crianças da urbe. Além dessas praças, existia a praça da Liberdade, localizada na avenida Seridó, mais precisamente, nas proximidades da Catedral de Sant’Ana.

Entre essas praças públicas, a praça Monsenhor Walfredo Gurgel, cognominada popularmente por praça de Sant’Ana, praça da Matriz ou simplesmente “A Praça”, destacava-se no espaço urbano caicoense pelas inúmeras qualidades atribuídas pelos habitantes, tais como: lugar de calma, de descanso, de práticas lúdicas, de descontração, de agradabilidade, de conversas, de passeios e de ar puro filtrado pelas árvores que sombreavam seu espaço. Essa praça era singular em suas formas, em sua estética, em sua organização e em suas práticas, sendo composta, dentre outros objetos, por bancos estrategicamente distribuídos ao longo de seu espaço, proporcionando uma serventia para qualquer opção de lazer, de entretenimento e de sociabilidade. Na praça da Liberdade, o coreto era um dos elementos integrantes de sua paisagem, sendo dividido

em duas partes distintas, e com utilidades igualmente distintas.

A primeira parte era constituída por um espaço, cuja serventia era destinada à acomodação da Banda de Música “Recreio Caicoense” e de outros músicos que se postavam nesse espaço para tocar, em todos os dias da Festa de Sant’Ana, as alvoradas em homenagem à padroeira da cidade, bem como, marchas, canções e valsas que envolviam a todas as pessoas presentes. Além da felicidade proporcionada aos frequentadores desse espaço pelas canções e retretas, os músicos ainda causavam suspiros de amor entre as moças.

Segundo Mailde Medeiros (1997), em uma crônica publicada nos Rastos Caicoenses, era justamente com esses músicos, de nomes Odval, Darcy, Benedito, Carrimba, Vavá, Alcione, Zé Geraldo e Hercílio, que ela, juntamente com outras moças da cidade, paqueravam. Ainda de acordo com essa cronista (1997, p. 88), como os músicos não podiam descer do coreto para “juntar-se a nós, arroteávamos o coreto durante toda a retreta, de olhos para cima, fixos em nossos músicos. Terminada a noitada de festa chegávamos a casa de pescoço dolorido”.

A segunda parte do coreto não tinha os seus limites geográficos muito bem definidos, pois, ora iam das portas das casas até o meio-fio das ruas, ora alcançavam os bancos da praça. Ademais, esses limites ainda podiam se restringir a “calçada de uma das casas, ou mesmo, irem de fora a fora por todas elas, como um natural tropismo positivo pelo trecho compreendido entre a calçada de Nezinho Vicente e a de Aliete e em cujo centro estava a de Pedro Diniz” (SANTOS, 1982, p. 75). Essa última parte do coreto era a mais frequentada e utilizada pelos sujeitos praticantes do espaço urbano, que a procuravam para a tessitura de suas tramas sociais, para os seus encontros diários e permanentes e para o desenvolvimento de suas atividades individuais e coletivas.

Nessa segunda parte do coreto, moças e rapazes, logo após o jantar, deslocavam-se para esse espaço com o intento, sobretudo, de estabelecerem os flertes mútuos. Em cada lado do coreto, havia um banco em que, geralmente, as mocinhas ficavam sentadas, fazendo pose, primando pela elegância e simpatia “e os rapazes que, por ali, estavam e passavam, interessando-se pelas ‘meninas’ como amigas ou cedendo à atração que já sentiam por alguma delas, aproximavam-se e ficavam sentados no chão, no próprio banco ou de pé” (MEDEIROS, 1997, p. 86). Tudo isso acontecia na maior brincadeira e descontração, com cada pessoa demonstrando o seu talento em contar piadas “desprendidas (muitas delas criadas na hora, envolvendo alguns dos presentes, intercaladas com mentirinhas e floreios), feitas somente para produzir gargalhadas que

ressoavam pela praça. Havia grupos bem mais divertidos que outros” (MEDEIROS, 1997, p. 86).

As moças que passeavam pela pracinha do coreto nunca estavam sozinhas. Sempre andando acompanhadas em grupos, formados por jovens meninas, as moças colecionavam, nesses passeios pela praça, “momentos maravilhosos que só mesmo na Pracinha do Coreto poderiam acontecer” (MEDEIROS, 1997, p. 86). Quem experienciava aqueles momentos, como a caicoense Mailde Medeiros, sentia nos tempos mais recentes, a falta das tramas cotidianas de outrora, vivenciadas no coreto da praça, como: os flertes, os olhares lançados, as conquistas, as paqueras, o início de um possível namoro, sempre desencadeado em atos sorrateiros de “tapinhas e implicâncias entre os dois [o rapaz e a moça], o ‘disse-não-disse’, ‘foi-você’, até haver o convite: ‘-Vamos dar uma voltinha?’” (MEDEIROS, 1997, p. 86). Nesse convite, momento em que as moças se desgarravam do grupo, o casal saía conversando alegremente, dando uma volta ao redor do coreto ou mesmo de toda a praça. Enquanto o casal passeava pela praça, o grupo que ficara no coreto, “fazia a crítica cochichando, insinuava, fazia brincadeiras e mais brincadeiras. Normalmente o casal que demonstrara estar quase namorando acabava ficando no banco e era a vez do resto da turma sair para passear” (MEDEIROS, 1997, p. 86-87).

No passeio da turma, geralmente acontecia das moças sempre trafegarem no sentido horário e os rapazes no sentido inverso, justamente pelo fato de haver uma maior possibilidade do encontro de ambos, frente a frente e olho no olho. Muitos rapazes preferiam ficar estáticos em pé “dando passagem às moças. Nessa posição era possível ‘marcar’ a jovem, na certeza de que seus olhares cruzar-se-iam e ainda tinham a chance de avaliar a pretendida por trás: o andar, os cabelos, as pernas, o jeito do corpo, enfim, analisar o ‘todo’” (MEDEIROS, 1997, p. 87). Quando a moça se sentia flertada, criava logo uma alternativa de ficar na ponta do grupo, “facilitando ao rapaz ‘encostar’ na próxima volta. Às vezes, as expectativas frustavam-se e recomeçava-se tudo de novo. Se o rapaz não se resolvia ouvia-se logo a sentença: ‘Ele só quer mesmo dar corda, sua besta’” (MEDEIROS, 1997, p. 87).

Todavia, conforme os relatos de Mailde Medeiros (1997, p. 87), quando o flerte surtia efeito de ambas as partes, o casal preferia subir para o coreto de mãos dadas, com o rapaz de braço passado “pela cintura ou pelos ombros da jovem, trocando juras de amor, beijos no rosto, conversando horas, sem que houvesse exagero. E as más línguas ainda conseguiam ‘tirar pedaço’ da mocinha, apesar de toda a claridade”. Obviamente que nesse percurso ao cume do coreto, talvez por esquecimento da cronista, o casal não

se limitava apenas aos beijinhos em suas respectivas faces. Possivelmente, outros tipos de carícias, desenvolvidas de maneira sub-reptícia e não percebidas a olho nu, eram tecidas pelos casais de namorados na subida ao coreto.

Na maioria das vezes, era nesse próprio espaço que se dava início as brigas entre os casais, quando um dos namorados “dava meia volta e ia embora. O que ficava ainda permanecia um tempo recostado ao coreto, cabisbaixo, pensativo, e acabava retirando-se muito desconfiado, muitas vezes, dirigindo-se à Biblioteca” (MEDEIROS, 1997, p. 87). A opção por encaminhar-se a esse espaço de leitura, localizado nas proximidades da pracinha do Coreto, decorria do fato de que era considerado, entre a sociedade juvenil da época, “‘chic’ demais, ir até lá [na biblioteca] ler um pouco, ou até escolher um bom romance e, após a devida identificação, levá-lo para casa. Esse era um remédio perfeito para qualquer ‘fossa’ ou ‘dor-de-cotovelo’” (MEDEIROS, 1997, p. 87).

Nesse sentido, a pracinha do coreto, com os encantos e desencantos amorosos das moças e dos rapazes, consolidava-se como um dos pontos de encontro da juventude caicoense da época, na trama de sociabilidades e flertes que, constantemente, desencadeavam em possíveis namoros, em desejados casamentos ou mesmo em prazerosas e sinceras amizades. Eram nos espaços da praça do coreto, bem como em outros logradouros públicos espargidos pelos territórios urbanos caicoenses, que as tessituras cotidianas se desenvolviam, revelando uma das muitas faces urbanas de Caicó.

Na cidade, os sujeitos caicoenses “praticavam” os seus espaços urbanos, subjetivando e apropriando-se deles, tanto a partir dos encontros noturnos na pracinha do coreto, como através da participação em eventos que somente eram realizados anualmente. Entre esses eventos ocorridos apenas uma vez a cada ano na cidade, as festividades carnavalescas, incluídas no calendário oficial de manifestações socioculturais, tramadas na ambiência urbana caicoense, representavam a realização de um acontecimento de extrema significância para alguns dos habitantes, mormente, para aqueles que eram envolvidos pela efervescência da festa. Além disso, o carnaval realizado em Caicó era importante para a própria dinâmica socioeconômica da cidade, intensificando, complementando, reforçando e afirmando seu cotidiano.

Nesse carnaval, como num “‘invisível cotidiano’, sob o sistema silencioso e repetitivo das tarefas [sociais]” (GIARD, 1998, p. 234), possivelmente participado, contemplado e apreciado por aquelas mesmas subjetividades noturnas que se apropriavam dos espaços da pracinha do coreto, as festividades faziam parte de um “tempo, de um olhar de forma genérica, como se todos fossem iguais. Aqui claramente se

interpunha a vivência espaço e tempo diferenciado, não aparecendo a simultaneidade do lazer imposto de fora” (OLIVEIRA, 2003, p.149). Diante disto, a festa era a possibilidade de “apropriação da cidade por parte das populações locais. Espaços e tempos destacavam-se na paisagem. Tempos e espaços mais livres, mais facilmente rompidos e retomados” (OLIVEIRA, 2003, p.149). Era justamente nesse tempo e nesse espaço onde estavam a “invenção do ser e que o acontecido se torna[va] fato histórico” (OLIVEIRA, 2003, p.149).

O carnaval de Caicó, transformado num fato histórico por excelência, dimensionava-se, para algumas pessoas, em um espetáculo irresistível de alegria, descontração, animação, movimentação, arrojo e riqueza de cores. Entretanto, nem todos os habitantes viam o carnaval como essa manifestação tão esperada e tão promovedora de felicidades. Pelo contrário, para os sujeitos conservadores de uma moral católica castradora, as festividades carnavalescas representavam momentos em que urros inconscientes dos foliões ecoavam pelas noites caicoenses, com a batucada dos tambores roncando pelas ruas da cidade e com os requebrados extasiados dos frequentadores da festa em ritmos frenéticos de um frevo marchado de maneira selvagem.

Os dias atinentes às comemorações das festividades carnavalescas, eram atinados, por esses sujeitos moralizadores, como segundos, minutos e horas de intensas loucuras estonteantes vivenciadas por indivíduos, nos quais suas vidas não passavam de carnavais ininterruptos e vazios de sentimentos humanos, necessitando-os encher-se de qualquer coisa inebriante para esquecer a real finalidade para que foram gestados. Nesse sentido, o carnaval era visto, por representantes da moral urbana, apenas como a “recrudescência de paixões, o esquecimento da própria dignidade, assim como o álcool, que para muitos, representava o meio de narcotizar os desgostos ou decepções”², uma manifestação composta e praticada por pessoas que apresentavam temor em encarar corajosamente os problemas da vida, esquecendo-os ao som “lânguido e sensual dos sambas ou ao rumor sarabandesco das marchas lúbricas e sob a égide dos remorsos íntimos da alma atormentada”³.

Na visão moralista e castradora da época, se as festas carnavalescas eram para serem impreterivelmente realizadas, que se desenvolvessem de maneira moderada, com dignidade e boa compostura, algo tido como comum às outras festas populares da cidade;

² (Sem Autoria). Carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 19 de fevereiro de 1955. Ano I. Número 51.

³ (Sem Autoria). Carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 19 de fevereiro de 1955. Ano I. Número 51.

sobretudo aquelas sagradas. Porém, o que se descortinava nessas manifestações populares era outra coisa totalmente diferente daquela pregada pelos defensores das moralidades urbanas, pois a cada transcorrer dos anos, o carnaval mais se transformava em uma ocasião de tessitura de práticas insalubres, vergonhosas e desrespeitosas. Assim, durante os dias de realização da festa, era comum serem presenciadas cenas degradantes e grotescas que revelavam a irresponsabilidade por parte de indivíduos amorais, lançando mão do respeito pela sociedade e por si mesmo. Para esses sujeitos, desejava-se a repulsa daquelas pessoas de uma boa formação moral.

Como exemplo dessas cenas, consideradas estarecedoras, presenciadas pela sociedade caicoense, pode citar aqui, o caso ocorrido durante o carnaval do ano de 1956, quando na ocasião e em plena luz do dia, viu-se um carro “de prostitutas fantasiadas a desfilarem pelas ruas de nossa cidade, no meio de carros com famílias e com crianças. Faltou a ação vigilante e moralizadora da polícia, para impedir o atentado aos sentimentos da família local”⁴. No momento em que esse automóvel desfilava pelas artérias urbanas, um adolescente saía de braço “dado a uma das dodivanas fantasiada de homem, nas principais ruas da cidade, na tarde do domingo”⁵. Essas cenas, regadas a trajes, músicas e canções, tidas como amorais, somente não continuaram devido às ações enérgicas do comandante do Batalhão Rodoviário Federal, chamado de Cel. José Ferraz, que impediu o desenrolar da situação, não permitindo o atentado público aos bons costumes da população local. Caso essas atitudes não tivessem sido tomadas, as cenas degradantes continuariam “a arrastar a podridão, escandalizando a todos que conservavam a dignidade do pudor”⁶. Além dessas cenas lamentáveis para os conservadores da boa moral, foram descortinados, durante as festividades carnavalescas do mesmo ano, vários sujeitos, tipificados de vagabundos, de ambos os sexos, embriagando-se com “lança-perfume, nas ruas e nos cafés, sem atenderem às determinações policiais em todo o país. Esperamos que nunca mais se repitam tais atentados que rebaixam a terra e seu povo”⁷.

Os representantes da segurança pública da cidade, ou seja, os policiais e os guardas municipais, agiam no decorrer das festividades no sentido de tentar manter a ordem pública e coibir possíveis transgressões, tais como as arroladas no parágrafo

⁴ (Sem Autoria). Aspectos degradantes do carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 18 de fevereiro de 1956. Ano II. Número 103.

⁵ (Sem Autoria). Aspectos degradantes do carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 18 de fevereiro de 1956. Ano II. Número 103.

⁶ (Sem Autoria). Aspectos degradantes do carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 18 de fevereiro de 1956. Ano II. Número 103.

⁷ (Sem Autoria). Aspectos degradantes do carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 18 de fevereiro de 1956. Ano II. Número 103.

anterior, visto que estas vinham se transformando em algo muito comum e recorrente durante os dias em que aconteciam as manifestações carnavalescas, passando a ser alvo, juntamente com as desordens e as rupturas dos códigos, das normas e das regras realizadas pelos foliões no espaço-tempo da urbe, além de queixas por partes de alguns habitantes. Desse modo, durante a realização do evento, os moralistas da cidade vinham percebendo uma nova tendência desordenada de certos homens se tornarem mulheres, cobertos de trajes e vestidos de fantasias, utilizadas, predominantemente pelo público feminino, transgredindo assim, os bons costumes da sociedade e da moral pública.

Por esses e por tantos outros motivos, as festividades carnavalescas eram tão criticadas pelos representantes das instâncias moralistas da cidade, e, segundo suas concepções, pobres eram aqueles foliões de mentes insanas e de caras sujas que, em plena manhã de quarta-feira de cinzas, semi-embriagados pelo éter, ainda saboreavam seu café matinal: cachaça pura sem nenhum “tira gosto”, abrindo os olhos para suas respectivas vidas e continuando com o mesmo vazio nos corações e com novas chagas abertas em suas almas. Segundo os discursos moralizadores, impressos nas colunas do *Jornal A Fôlha*, enquanto, no período correspondente as festividades momescas, alguns indivíduos insensatos se lançavam nos braços tentaculares do prazer embriagador do carnaval, outros, considerados mais prudentes, preferiam “o recolhimento do retiro e da oração para relembrem as verdades eternas, a razão de ser da própria vida”⁸. Assim, conforme essa visão, enquanto “aquêles [os participantes do carnaval] continuavam insatisfeitos e de consciência pesada, êstes [os frequentadores do retiro] se sentiam mais felizes e aliviados, porque a essência da vida não é o prazer, mas a certeza do dever cumprido”⁹.

Se por um lado, aos participantes do carnaval eram atribuídos, pela moral urbana da época, sentimentos de arrependimento pelas práticas desenvolvidas durante tal festividade, por outro, aos frequentadores do retiro religioso, talvez tivessem sido gerados remorsos por não terem aproveitado a oportunidade de experimentar, no decorrer dos dias de festividades carnavalescas, os prazeres da carne, os desejos da alma e a esquizofrenia extasiante dos corpos ardentes.

Para aqueles que relevavam os discursos moralistas e que cumpriam o seu dever, participando desse evento, o carnaval simbolizava um momento contagiante de alegrias, de jogos de sorrisos, de esquecimento das preocupações e de afogamento das tristezas,

⁸ (Sem Autoria). Carnaval. *Jornal A Fôlha*. Caicó. 19 de fevereiro de 1955. Ano I. Número 51.

⁹ (Sem Autoria). Carnaval. *Jornal A Fôlha*. Caicó. 19 de fevereiro de 1955. Ano I. Número 51.

embora que, mesmo para os sujeitos mais liberais, fossem feitos apelos aos foliões, sobretudo aos mais jovens, para que evitassem abusos e excessos nos divertimentos, cuidados essenciais para a manutenção da vida. Nesse sentido, enquanto alguns críticos moralistas viam o carnaval como uma manifestação de pessoas de mentes insanas, outros interpretavam esses eventos como festividades que proporcionavam divertimento e entretenimento para os foliões, obviamente, quando estes usavam da responsabilidade de seus atos, atitudes e ações.

Os dias de Rei Momo chegavam e os foliões passavam a vivenciar os mais diferentes meios de festejos carnavalescos, atraindo pessoas dos diversificados espaços urbanos de Caicó. Na elaboração dessas festividades, a urbe passou a contar, a partir de meados da década de 1960, com a Associação dos Cronistas Caicoenses, que se constituía numa espécie de instituição coordenada pelo cidadão Pedro Aires Machado, responsável pela organização dos bailes carnavalescos nos clubes dançantes, pelo desfile das escolas de samba e pelas apresentações dos blocos pelas ruas da cidade, bem como, por outros tipos de manifestações carnavalescas tramadas nas artérias urbanas do espaço citadino caicoense. Com a fundação dessa associação, o carnaval de Caicó passou a ter um aspecto diferenciado, tanto nas ruas como nos outros espaços dançantes, proporcionando, sem o registro de ocorrências tidas como anormais, uma maior animação aos festejos.

No decorrer das festividades, o frevo e as marchinhas tomavam conta da cidade, sendo ecoados pelos vários cantos de seu espaço urbano e contagiando os foliões e os diversos blocos de rua, tais como: Bafo de Onça, A turma de Manoel de Nenen, Papo Firme, Tremendão, Deixa Cair, Apaga Fogo, Metralhas, Biboco Preto, As Pistoleiras, Haja Brasa, As Intocáveis, Escravos da Babilônia, entre outros. Estes por sua vez, se duelavam nas disputas pelas primeiras colocações e pelos troféus dos concursos carnavalescos. A cada ano, o Reinado de Momo na cidade de Caicó contagiava mais os participantes, tornando-se também procurado pelos foliões das urbes adjacentes. Isso ocorria graças ao bom número de clubes existentes, bem como, a intensificação e melhoria dos festejos de rua, alegados por foliões, cujas “veias circulavam o sangue do carnaval. Para estes, faltar ao reinado era uma grande dor. Por isso, organizavam seus blocos, suas escolas de samba. Surgia o colorido das fantasias, o toque do tamborim”¹⁰.

Ao som dos tambores, matracas e cornetas, os blocos, pintados com as mais distintas cores do carnaval, saíam às ruas da urbe, fornecendo um colorido policromático

¹⁰ URSULINO, Jorge. Mascarados. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 27 de fevereiro de 1960. Ano VI. Número 313.

raro e especial ao ambiente. Na avenida Seridó, uma grande aglomeração de pessoas se aglutinava para presenciar, além dos desfiles dos blocos de ruas, as apresentações das seguintes escolas de samba: Unidos na Folia, Garotos na Folia e Os Inocentes. Essas agremiações, concorrentes diretas aos prêmios destinados aos melhores desfiles, animações e enredos, além das mais belas apresentações, alegorias e fantasias, monopolizavam a atenção dos foliões, contagiados pelas suas batucadas e pela beleza de seus adornos. Na euforia dessas apresentações, a cidade, a avenida e a população, regurgitavam. O Rei Momo, em toda a sua plenitude e tamanho, acompanhava as apresentações das agremiações carnavalescas. Pupilas de centenas de pessoas miravam suas atenções para as “côres, para os bamboleios, para os desgesticulados requebros malemolentes. Todos os jovens estavam impregnados, até a medula, dos sons rítmicos do Toco Poderoso Monarca dos 3 dias”¹¹.

Além do carnaval, os habitantes da cidade, pelo menos aqueles de classes socioeconômicas baixas, ainda tinham a opção de frequentar as festas dos famosos sambas. Segundo Silva (2008), os sambas se constituíam, assim como o carnaval, em festas de caráter popular e representavam o que atualmente se conhece por forrós. Estas festas, ao contrário de outras mais elitizadas, estavam abertas a participação “de todas as pessoas que quisessem freqüentá-las, independente de sua classe social. Todavia, [...] as pessoas de classes mais altas não participavam destes sambas devido à ausência de referências sobre sua circulação nestes ambientes” (SILVA, 2008, p. 14).

Os sambas aconteciam “em casas familiares, em bodegas ou em ruas específicas, como a Rua do Serrote ou a Rua da Favela [...], locais onde as classes populares, [frequentadoras assíduas dessas festas], os viam enquanto espaços solucionadores dos problemas de divertimento” (SILVA, 2008, p. 14). Os frequentadores desses ambientes tinham uma leitura particular quanto a esses territórios de sociabilidade e entretenimento, ressignificando suas respectivas e próprias representações concernentes ao entendimento da diversão. Quanto às pessoas inseridas numa classe média alta, estas se recusavam a participar dessas manifestações (justamente pelo fato de elas serem classificadas como festividades populares), passando a frequentar espaços de lazer estritamente elitistas, entre eles os bailes sociais, que exigiam dos seus participantes, condutas, comportamentos e indumentárias bem alinhadas, sempre em constante avaliação mútua pelos sujeitos presentes a esses eventos. Nesse sentido, festividades

¹¹ (Sem Autoria). Terça-Feira – 17 Horas. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 06 de março de 1965. Ano X. Número 203.

como aquelas correspondentes aos Bailes das Festas das Turmas Concluintes dos Cursos Ginásiais e Domésticos do Ginásio Santa Teresina (GST), as Festas das Debutantes – nas quais as mais belas jovens caicoenses dançavam suas valsas com seus mais luxuosos vestidos –, as Festas dos Alunos Concluintes do Ginásio Diocesano Seridoense (GDS) e as Festas do Salão Nobre da Prefeitura Municipal, constituíam-se naquelas mais frequentadas pela burguesia caicoense.

Além desses espaços de sociabilidades hierarquizados, a cidade ainda contava com festividades que possibilitavam uma aproximação entre classes socioeconômicas durante suas realizações, embora ainda fosse muito perceptível uma divisão socioterritorial no transcorrer da festa, mesmo em menor intensidade. A Festa do Rosário, celebrada anualmente no mês de outubro, era um exemplo de festividade que permitia, durante a sua realização, o encontro entre as classes socioeconômicas, embora no decorrer desse acontecimento festivo ainda fosse possível atinar hierarquias nos bailes dançantes ocorridos nos clubes da cidade. Mas eram nas festas realizadas em praça pública, nas novenas ocorridas na Igreja do Rosário e nas procissões tramadas pelas ruas da cidade, que os sujeitos praticantes do espaço urbano, inseridos em classes socioeconômicas distintas, encontravam-se, dissolvendo, pelo menos aparentemente e temporariamente, as diferenças de renda.

Herança cultural, essa manifestação sociorreligiosa, consistia na celebração de novenas e procissões em homenagem e comemoração a Padroeira da Irmandade dos Negros do Rosário, a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, assim como, na realização de bailes badalados, leilões disputados e feirinhas animadas. No decorrer das celebrações sociorreligiosas, a Festa do Rosário contava com parques de diversão, passeios de jovens pelas praças da urbe, bazares e pipoqueiros que faziam a alegria das crianças, dos jovens e dos adultos. Além disso, entre os próprios atos de celebração da Festa do Rosário, a cidade presenciava apresentações artístico-culturais dos componentes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Caicó, criada no século XVIII e cuja indumentária de seus componentes era composta por alpargatas, camisas brancas, calças azuis e espontões adornados com fitas de sedas de cores diversificadas, que por sua vez, simbolizavam posições hierárquicas no âmbito do próprio grupo.

No batuque do tambor, no palpíte do bombo e no toque vibrante do pífano, os Negros do Rosário, como assim eram e ainda são conhecidos entre a população local, saíam pelas ruas da cidade levando a alegria, o ritmo frenético de seus instrumentos e as

danças afro-brasileiras. No cortejo, seguido por vassallos, feito pelas artérias e logradouros do espaço urbano caicoense, a elegância da rainha negra e de seu rei despertava a curiosidade dos expectadores presentes no espetáculo. Outra atração da Festa do Rosário era a “apresentação do pastoril, que se iniciava nos primeiros dias da festa e se prolongava até o Dia de Reis. As noites quentes [...] eram alegradas pela voz juvenil das pastorinhas e pela alegria ruidosa dos torcedores, depois de cada canto” (GUERRA, 1982, p. 79). Nos dias de apresentação do pastoril, os “expectadores reuniam-se todas as noites após a novena ao redor do palanque armado na parte lateral da Igreja do Rosário ao lado da prefeitura” (GUERRA, 1982, p. 79). Nessa festa, os caicoenses, sob os embalos contagiantes dos ritmos e das danças tradicionais dos Negros do Rosário, estabeleciam seus laços de proximidade, afetividade e sociabilidade com os demais participantes desse evento sociorreligioso.

A Festa do Rosário se dimensionava em uma das muitas oportunidades dos habitantes praticarem seus jogos mútuos de conversas, saberes, fazeres, dizeres, brincadeiras, risos, jocosidades, estratégias, astúcias, experiências, enfim, múltiplas maneiras e artes de fazer a vida cotidiana. Diante disto, essa manifestação sociorreligiosa, geradora também de dividendos econômicos para a cidade, estava incluída no calendário anual de festividades da urbe caicoense, que ainda era preenchido por outros eventos sociais, como a Festa de Sant’Ana.

Essa festa, que durante as décadas de 50 e 60 do século XX, acontecia, anualmente, na última semana do mês de julho, era percebida como o momento especial em que a cidade recebia de braços abertos os peregrinos da padroeira de Caicó e do Seridó, a Nossa Senhora Sant’Ana, abrigando “os entes queridos e os visitantes que chegavam atraídos pelo clamor exagerado daquele que ama de forma demasiada esse lugar” (DANTAS, 2003, p. 171).

A Festa de Sant’Ana, símbolo tradicional da sociedade caicoense desde meados do século XVIII, “transformou-se num espaço de tradição em Caicó” (ANDRADE, 2007, p. 89), convertendo-se em uma oportunidade de “apresentar aos visitantes uma excelente impressão sobre a cidade” (ANDRADE, 2007, p. 89). Portanto, essa festa se evidenciava como uma autêntica vitrine da urbe, expondo aos visitantes, desde alguns aspectos tradicionais da sociedade local até alguns ícones de modernidade e de progresso urbano, sendo considerado o momento máximo de sua aparição em meio público.

Os momentos religiosos da festa iniciavam-se com “a passeata de abertura e o hasteamento da bandeira no pátio da igreja, prosseguindo as atividades com a realização

do novenário” (DANTAS, 2003, p. 171). No último dia de encerramento da festa, era realizada a “[...] procissão de Sant’Ana, percorrendo-se as ruas da cidade para fechar um ciclo que se encerrava com a missa campal, no pátio da igreja” (DANTAS, 2003, p. 171). Neste ritual, as fronteiras espaciais e sociais se rompiam e todos pareciam “comungar de um mesmo credo, o culto à santa padroeira. Na procissão, os indivíduos eram sujeitos dos próprios sonhos, ocupando e encenando o teatro da vida no papel de expectadores e atores ao mesmo tempo” (DANTAS, 2003, p. 171).

Assim, a cidade, que nasceu, segundo as narrativas lendárias, da prece de um vaqueiro à Senhora Sant’Ana, sentia-se orgulhosa em homenagear aquela que foi sua genitora. Diante disto, o mês de julho representava para a cidade o mês da festa, o mês da alegria, “o mês da volta à terra querida, mas principalmente o mês de maior conagração entre todos os filhos dessa terra, ausentes ou presentes. Era como se através de um passe de mágica, qualquer lugar do mundo se transformasse em Caicó” (OLIVEIRA, 19??, p. 87).

Além dos rituais religiosos, a Festa de Sant’Ana proporcionava a realização de outros eventos sociais que eram tramados concomitante ao seu desenvolvimento, tais como: o leilão, a Feira de Sant’Ana, a exposição do Clube de Mães, os bailes, entre outros. Nas memórias de Iracema Trindade, os bailes da festa representavam a apoteose final do novenário de Sant’Ana:

(...)o momento supremo dos encontros derradeiros para a confirmação de um afeto ou [...] o compromisso de um noivado. No salão funcional da velha Prefeitura Municipal de Caicó, mesmo ladrilhado a pedra, com a ajuda do espermacete para o deslize dos pares, realizava-se o programa social de maior gala, para prestigiar os visitantes ilustres – confirmar a fama de Caicó – terra hospitaleira de gente amiga e educada. Em todo redor da quadra de dança enfileiravam-se as cadeiras, para a assistência das famílias. Muita luz. Num dos extremos do salão posicionava-se a orquestra – a banda de música local ‘O Recreio Caicoense’ sob a regência do saudoso Mestre Bedé. E cada família primava pela boa apresentação de seus membros – todos muito bem trajados: as mães em suas galas de jóias, rendas e leques; as moças com luvas e flores; era um convite à boa educação dos rapazes, de prestigiar sua dama com cuidado de nem amassar a flor da cintura. E, ao sinal da batuta do maestro, rompia a orquestra, a abertura do baile. Era um espetáculo grandioso de beleza e harmonia – os pares jovens a rodopiar pelo salão num contágio feliz de alegria e prazer, com a graciosidade dos passos na exatidão do compasso (TRINDADE, 1982, p. 33).

O baile da Festa de Sant’Ana representava o momento épico em que a elite caicoense mostrava toda a sua pomposidade e elegância. Esse evento de sociabilidade era destinado somente à elite da cidade e sua região. Nesse baile, momento em que as moças e os rapazes da cidade apareciam com figurinos e visuais irretocáveis e exibiam

as últimas novidades da moda feminina e masculina, os namoros, os noivados e os flertes eram sempre recorrentes. Desse modo, entrar no Salão da Prefeitura Municipal em dias de baile era um privilégio para poucos. Na verdade, somente para aqueles sujeitos que faziam parte da sociedade elitista da cidade. Esse baile era embalado pelos ritmos e sons da Banda de Música Recreio Caicoense, que animava, durante todo o evento, a festa.

A banda não apresentava a sincronia de suas melodias e acordes somente nos espaços desse baile, mas em todos os dias da Festa de Sant'Ana, ela “acordava a cidade, quando o sol nascia com uma alvorada musical. Ao meio dia, sol à pino, tinha a tocata, no patamar da igreja, perto do mastro onde estava hasteada a bandeira da santa” (HEBERT, 1982, p. 93-94).

Depois “da tocata, a banda saía pela cidade executando o seu repertório pela rua, arrastando atrás de si um grupo de meninos que acompanhava o passo lento e cadenciado dos músicos” (HEBERT, 1982, p. 94). A passos gradativos e “miúdos, batida uniforme no calçamento fumegante, a ‘furiosa’ [...] ia caminhando lentamente. [...] Passava [...] [pela praça da Matriz e do Coreto] dobrava no Beco de José Diniz e entrava na Rua da Cadeia Velha até chegar [...] na praça do Rosário” (HEBERT, 1982, p. 94).

Os dez dias de Festa de Sant'Ana representavam para a cidade, a urdidura de polissêmicas tramas sociais em muitos eventos tecidos paralelos aos seus rituais sagrados. Além de todos esses eventos que aconteciam na cidade, resultantes da realização da festa, as brincadeiras e alegrias tecidas no parque de diversão eram esperadas com muito entusiasmo pelos caicoenses. Os olhares dos sujeitos participantes da festa reluziam admirados com o brilho e o colorido do Parque Lima, com “sua roda gigante, seu carrossel, seu mundo mágico” (OLIVEIRA, n.d., p. 87).

Esse parque de diversão, proveniente do estado da Paraíba, durante muito tempo marcou sua presença na Festa de Sant'Ana. Quando se aproximavam os dias iniciais de realização da festa, o Parque Lima reaparecia na cidade, montando e armando, no leito da rua Padre Sebastião, suas formas e estruturas, que resultavam em máquinas de diversão, tais como: roda-gigante, carrossel de cavalinhos, canoas e juju. O juju, espécie de micro-carrossel da criançada, era “munido de toldo colorido e cadeiras pendentes, decoradas com motivos infantis, em torno do qual ficavam os pais embevecidos, ao verem seus pimpolhos divertindo-se ao embalo suave das rotações acionadas manualmente por manivela” (TRINDADE, 1997, p. 53). Essa máquina, assim como as outras, levava entretenimento, diversão, alegria, medo e receio aos indivíduos que se aventuravam em viagens mirabolantes (para alguns efêmeras, para outros duradouras) nos carrosséis,

rodas-gigantes, canoas e jujus.

No ano de 1950, o Parque Lima “trouxera pela primeira vez entre seus equipamentos tradicionais, uma outra variedade de máquina que chamou a atenção e curiosidade de muita gente” (TRINDADE, 1997, p. 54). Era a sombrinha, uma espécie de equipamento de versão ampliada do juju, designada ao público adulto, instalada nas contiguidades de um dos flancos esquerdos da Catedral de Sant’Ana. Esse equipamento era composto de uma estrutura de ferro e de madeira, de dimensões e proporções um tanto quanto avantajadas, com parte circular superior “formada por oito raios, de cujas extremidades, a uma altura de não menos que quatro metros em relação ao solo, pendiam as correntes que sustentavam os assentos de ferro, dispostos em fila dupla, proporcionando lotação de dezesseis pessoas” (TRINDADE, 1997, p. 54).

A engenhoca, exótica para os olhos dos caicoenses, era movido pela ação de um improvisado motor de caminhão, do qual fora extraído após certo uso. A sombrinha, aparentemente tosca e com uma impressão de obra inacabada, era a atração dos curiosos, que se aproximavam a fim de darem algumas voltas e passeios naquele carrossel avantajado. Pois bem, bastaram algumas rodadas na sombrinha, para que a fama “do brinquedo medonho se espalhasse rapidamente pela cidade. A particularidade que a destacava das demais diversões era justamente o ritmo veloz que o motor imprimia ao movimento de rotação de seu carrossel” (TRINDADE, 1997, p. 54), causando, em determinados momentos, situações desconfortáveis aos seus passageiros.

No entanto, a cada noite crescia ainda mais o número de pessoas interessadas em se aventurar nas rodadas velozes da sombrinha. Depois do término de cada novenário, quando o serviço de alto-falantes começava a emitir ondas sonoras, a engenhoca começava a funcionar, proporcionando descontração aos sujeitos que se aventuravam na dita sombrinha. Ao se acomodarem nos “assentos, as pessoas eram advertidas pelos funcionários do parque, no sentido de dispensarem cuidados especiais aos objetos de uso pessoal, como forma de evitar escapulidas prejudiciais por ocasião da movimentação do carrossel” (TRINDADE, 1997, p. 55). Mesmo assim, dos locais onde as pessoas estavam assentadas, sob a ação de “rotações aceleradas, desprendiam-se, não raro, os mais variados adornos femininos, calçados de todos os tipos, óculos, chapéus masculinos [...] e, o mais deprimente: jatos de vômitos. Tudo isso lançado sobre a cabeça das pessoas lá embaixo” (TRINDADE, 1997, p. 55). Embora causando transtornos em alguns e emoções em outros, esse equipamento não deixava de atrair a atenção e a curiosidade dos participantes da Festa de Sant’Ana, alegrando ainda mais os seus momentos festivos.

Desta maneira, os parques de diversão, os bailes, as novenas, a feirinha, a procissão e os demais eventos, tornavam-se os momentos especiais da Festa de Sant'Ana, proporcionando entre os seus participantes, a tessitura de tramas sociais das mais distintas e inolvidáveis possíveis; representadas pelos vários cronistas em suas artes de rememorar a vida cotidiana de uma cidade de outrora.

Conclusões

Nos meandros do espaço urbano caicoense, os sujeitos praticantes da cidade viveram as suas respectivas tessituras cotidianas, tendo alegrias ou tristezas, tendo lazer ou trabalho, tendo ganhado ou deixado de ganhar, enfim, tendo uma vida plena em sua essência ou apenas (sobre)vivendo a monotonia e a fadiga do cotidiano do mundo moderno. Em sua trivialidade, o cotidiano desses praticantes não se compôs apenas de acontecimentos repetitivos, tais como: “gestos no trabalho e fora dele, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivens), horas, dias, semanas, meses, anos, repetições lineares e repetições cíclicas” (LEFEBVRE, 1991, p. 24), mas também de eventos sociais que marcavam a vida desses indivíduos num curto espaço de tempo.

Nesse sentido, a análise do cotidiano, a qual possibilita uma arqueologia, investigação e dissecação dos retalhos de conteúdos da existência do homem, além de envolver o espaço “imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros” (CARLOS, 2001, p. 35), também envolve outros tipos de relações mais esporádicas e eventuais, atinados não como uma ruptura ou mesmo uma quebra do modo de vida urbano vigente, mas sim, como uma afirmação, reafirmação e reforço do cotidiano. Paralelo aos atos corriqueiros, vistos como ocorrências micro-escalares que dão sentido a vida dos sujeitos urbanos na criação de laços profundos de identidade do cidadão com o lugar. Outros, de escala mais ampla e de contexto social mais abrangente, também eram partes integrantes do cotidiano da cidade. Se o cotidiano da cidade se apresentava, por um lado, como uma massacrante rotina experienciada pelos habitantes, ou como um “receptáculo da passividade, da desesperança, da repetitividade enfadonha, da falta de perspectiva, enfim, da miséria do dia-a-dia” (OLIVEIRA, 2003, p. 138), por outro, destacava-se como algo da ordem da superação das necessidades vitais para a sobrevivência humana.

Desse modo, a cidade de Caicó, durante as décadas de 1950 e 1960, contava com determinados lugares de lazer e entretenimento usados pela população local através de suas múltiplas práticas socioespaciais. Assim, lugares como: cinemas, cabarés, praças públicas, igrejas, sambas, clubes dançantes, entre tantos outros pontos de encontros, evidenciavam-se em pontos de convergência e aglutinação de pessoas, bem como, em espaços destinados à trama de laços de sociabilidades tecidos na vida cotidiana caicoense. Nessa mesma dimensão, manifestações sociais como aquelas correspondentes as festividades carnavalescas e as festas de Sant'Ana e do Rosário, realizadas anualmente no espaço urbano caicoense, constituíam-se em eventos perpassados por práticas socioespaciais das mais distintas possíveis, nas quais, os habitantes da urbe e de outros lugares adjacentes, encontravam-se, divertiam-se e socializavam, estabelecendo seus laços de amizade, de entretenimento e de conhecimento.

Referências

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e a sedução (1926-1936)**. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2007, 148p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de e GIARD, Luce. Os fantasmas da cidade. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 189-202.

CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução de Regina Thompson. 2ª edição revisitada. São Paulo: Casac e Naify, 2004.

DANTAS, Eugênia Maria. **Fotografia e Complexidade: a educação pelo olhar**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2003, 229p.

DINIZ, Pedro. Os Bailes do Caicó Antigo. In: LUCENA, Lindomar Vale (Org.). **Rastos Caicoenses**. Caicó: Col. Mossoroense, 1982, p. 53.

GIARD, Luce. O prato do dia. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 234-267.

GUERRA, Maria José. As festas tradicionais. In: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). **Rastos Caicoenses**. Caicó: Col. Mossoroense, 1982, p. 78-79.

HEBER, Luciano. A Banda e as Retretas. In: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). **Rastos Caicoenses**. Caicó: Col. Mossoroense, 1982, p. 93-95.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

MEDEIROS, Mailde. Que saudades do coreto. In: ARAÚJO, Lidiane e LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). **Rastos Caicoenses III**. Caicó: Col. Mossoroense, 1997, p.86-89.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967 – A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Cortez. Sonhos de uma caicoense ausente. In: ARAÚJO, Lidiane e LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). **Rastos Caicoenses II**. Caicó: Col. Mossoroense, n.d., p. 87-88.

SANTOS, Rubens. As praças. In: LUCENA, Lindomar Vale (Org.). **Rastos Caicoenses**. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982, p. 71-77.

(Sem Autoria). Aspectos degradantes do carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 18 de fevereiro de 1956. Ano II. N. 103.

_____. Carnaval. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 19 de fevereiro de 1955. Ano I. N. 51.

_____. Terça-Feira – 17 Horas. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 06 de março de 1965. Ano X. N. 203.

SILVA, Edivalma Cristina da. **As mulheres entram em cena: da construção do script burguês à desconstrução da peça “o feminino”**. Trabalho de Qualificação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008, 100p.

TRINDADE, Iracema. O baile da festa. In: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). **Rastos Caicoenses**. Caicó: Col. Mossoroense, 1982, p. 33.

TRINDADE, Ivo. A Sombrinha do Parque Lima. In: ARAÚJO, Lidiane e LUCENA, Lindomar Vale (Orgs.). **Rastos Caicoenses III**. Caicó: Col. Mossoroense, 1997, p. 53-59.

URSULINO, Jorge. Mascarados. **Jornal A Fôlha**. Caicó. 27 de fevereiro de 1960. Ano VI. N. 313.

Recebido em Agosto de 2011.
Publicado em Outubro de 2011.